

CLUSTER: HealthTech

CURSO: Programa de Pós Graduação em Psicologia (Stricto Sensu)

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DA *COGNITIVE FLEXIBILITY SCALE* PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Júlia Tomedi Martins¹; Camila Oliveira²; Júlia Gonçalves³.

1; Mestranda em Psicologia do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Faculdade Meridional IMED, juliatomedim@gmail.com.

2; Docente da Graduação e/ou do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade Meridional IMED - camila.oliveira@imed.edu.br

3; Orientadora e Docente da Graduação e/ou do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade Meridional IMED - camila.oliveira@imed.edu.br; julia.goncalves@imed.edu.br.

INTRODUÇÃO

A Flexibilidade Cognitiva (FC) pressupõe uma capacidade de unificação de aspectos cognitivos e situacionais, e é definida como sensibilidade, inclinação e capacidade de perceber, selecionar e executar a solução mais adequada para cada situação (Yu et al., 2019). É associada ao comportamento e raciocínio criativo (Bloom, Ritter, Kühnel, Reinders, & Geurts, 2014; Guerra, Candeia, & Prieto, 2014), à resolução de problemas (Rodríguez-Ponce, Pedraja-Rejas, & Araneda-Guirriman, 2013; Rodríguez-Ponce & Pedraja-Rejas, 2009), à execução de tarefas complexas que requerem uma adaptação de objetivos (Montuori et al., 2019; Ong, Lee, Lee, Lim, & Tham, 2019), além de possibilitar a criação de novas respostas comportamentais e de replanejamento, permitindo a adequação ao ambiente (Spiro et al., 1992). Além disso, é considerada uma competência passível de treino e de desenvolvimento dentro das organizações

Para avaliar a FC utilizam-se diferentes tipos de instrumentos como questionários, inventários, escalas, testes de simulação e testes neuropsicológicos. Dentre eles, destaca-

se a Cognitive Flexibility Scale (CFS - Martin & Rubin, 1995). Esta escala mensura unidimensionalmente a FC a partir de três componentes: (a) consciência de que em qualquer situação há alternativas disponíveis para se comportar, (b) vontade de ser flexível e de se adaptar às situações (c) autoeficácia em ser flexível. É composta por doze itens respondidos em escala tipo likert de seis pontos, de 1 = *Strongly disagree* (discordo fortemente) a 6 = *Strongly agree* (concordo fortemente), apresentando adequada consistência interna em sua versão original ($\alpha = 0,83$). O escore é obtido a partir da soma dos itens, cujos valores mais elevados indicam maior flexibilidade cognitiva.

Foi realizada uma busca não sistemática sobre o uso e adaptações da CFS nas bases de dados SciELO, Web of Science, LILACS e Scopus e encontradas versões para os idiomas como turco (Çelikkaleli, 2014) e japonês (Oshiro, Nagaoka, & Shimizu, 2016), por exemplo. Não foi identificado nenhum estudo de tradução e adaptação para o português brasileiro. Sendo a FC uma competência emergente no mundo do trabalho, buscou-se, por meio deste estudo, realizar a tradução e adaptação do instrumento CFS para o contexto brasileiro, a fim de possibilitar a mensuração da FC na nossa realidade.

MÉTODOS

Participaram do processo de tradução e adaptação da CFS: quatro tradutores bilíngues – português e inglês - (dois para tradução e dois para a retrotradução); dois juízes especialistas em avaliação psicológica e neuropsicologia para garantir semelhança semântica e conceitual entre a escala traduzida e a original; e dez professores do ensino superior que aceitaram participar do estudo piloto, assinando o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) que se encontrava na primeira página de um formulário online do *Google Forms* antes da Escala de Flexibilidade Cognitiva (EFC) traduzida e adaptada da CFS (Martins & Rubin, 1995).

Foi possibilitado aos participantes do estudo piloto, ao final do formulário, que deixassem seus comentários quanto às possíveis dificuldades encontradas ao responder à escala, bem como sugestões de alterações e melhorias. Todos os comentários foram analisados e incorporados, caso as pesquisadoras concordassem com a pertinência. As traduções e retraduações realizadas foram analisadas qualitativamente, bem como os comentários deixados pelos participantes ao final do formulário. Seguiu-se as normas das resoluções 510/2006, 466/2012 e circular 002/2021 (CONEP), com aprovação do comitê de ética (nº de aprovação do parecer 40501820.9.0000.5319).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Previamente ao início do processo de adaptação foram contatados os autores da CFS que autorizaram e, após a realização de todo o processo, validaram e concordaram com a tradução proposta. O roteiro para adaptação da CFS seguiu as indicações de Borsa, Damásio e Bandeira (2012) que preveem cinco etapas principais: (1) Tradução do inglês para o português por dois tradutores; (2) Avaliação da síntese das traduções por experts; (3) Adequação após avaliação; (4) Tradução reversa (do português para o inglês) por dois tradutores com adequação após síntese; (5) Estudo-piloto.

A tradução da versão original da CFS do inglês para português foi realizada por dois conhecedores da língua inglesa que foram informados de que se tratava de uma adaptação transcultural de um instrumento e que a semelhança semântica deveria ser prioridade, mantendo a fidedignidade do instrumento. Com a tradução, as pesquisadoras construíram uma síntese, comparando as semelhanças e discutindo as divergências. Esta síntese foi apresentada e avaliada por dois *experts* em avaliação psicológica.

Os *experts* realizam a análise qualitativa da escala traduzida considerando: estrutura, layout, instruções do instrumento, abrangência e adequação das expressões,

clareza da redação - uso de linguagem de acordo com o público-alvo - e manutenção do significado dos itens (de acordo com a definição teórica de FC). Dentre os itens com discrepâncias no sentido de adaptação cultural, primeiramente, foram acatadas sugestões dos juízes especialistas como por exemplo a alteração da palavra “*para*” para “*ao*” no item 5 – “Eu raramente tenho escolhas *ao* decidir como me comportar”. No entanto, em nenhum dos itens foi detectado erro ou diferença grave com potencial de prejudicar seus sentidos. O resultado deste estágio foi uma versão preliminar do instrumento.

Após a síntese, com a aprovação dos *experts* e ajustes, realizada pelas pesquisadoras, a retrotradução foi efetuada por outros dois tradutores bilíngues. A tradução reversa passou pelo mesmo processo de tradução anterior (do inglês para o português) a fim de certificar a semelhança semântica dos itens e de seu fenômeno de estudo. Nesta etapa realizou-se a avaliação da equivalência literal, idiomática e semântica entre a tradução e a retradução. Após esta nova síntese, a escala retraduzida foi enviada e avaliada por um dos autores do instrumento, que confirmou sua adequação à escala original. Na análise do significado geral – capacidade de mensuração do fenômeno principal - , todos os itens tiveram seu significado inalterado em relação à escala original.

Por fim, após todos os ajustes feitos a versão prévia da Escala de Flexibilidade Cognitiva (EFC) foi aplicada e avaliada pelo público-alvo - uma amostra de docentes do ensino superior da instituição de ensino da pesquisadora - que verificaram a adequação e clareza do instrumento. A amostra composta por dez docentes com idades entre 33 e 57 anos, tempo de atuação entre 4 e 20 anos e que trabalham nos três turnos, dos quais 70% eram mulheres, 90% possuem doutorado completo, 70% tem atribuições administrativas e 70% lecionam para os níveis de graduação, *Latu Sensu* e *Stricto Sensu*. A validação da EFC no estudo piloto demonstrou que as questões são de fácil entendimento com

afirmações como: “As questões estão muito claras” (Participante 2), “Estão claras” (Participante 5) e “Não encontrei dificuldades” (Participante 8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo descrever o processo de tradução e adaptação do instrumento *Cognitive Flexibility Scale* para o contexto brasileiro. A escala se manteve com 12 itens e uma tendência a unidimensionalidade. Houve relativa concordância entre as diferentes etapas pelos participantes (tradutores experts e amostra do estudo-piloto), o que tornou o processo mais simplificado. Participou também da anuência e validação final um dos autores da escala original que solicitou autorização o uso da retrotradução para exemplo em aula. É reforçada aqui a importância do trabalho de validação e adaptação com seguimento rígido das etapas, pressupondo melhor qualidade do instrumento e a possibilidade de mensurar com fidedignidade o fenômeno objeto. Atualmente o instrumento está passando pelo processo de avaliação das propriedades psicométricas para futura disponibilização para outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- Bloom, J., Ritter, S., Kühnel, J., Reinders, J., & Geurts, S. (2014). Vacation from work: A “ticket to creativity”? *Tourism Management, 44*, 164-171.
doi:10.1016/j.tourman.2014.03.013.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia (Ribeirão Preto), 22*(53), 423-432. doi: 10.1590/s0103-863x2012000300014

- Çelikkaleli, Ö. (2014). The Validity and Reliability of the Cognitive Flexibility Scale. *Education & Science/Eğitim ve Bilim*, 39(176), 339-346. doi: 10.15390/EB.2014.3466.
- Guerra, C. G., Candeias, A., & Prieto, G. (2014, fevereiro). Flexibilidade Cognitiva: Repensar o conceito e a Medida da Inteligência. *Cognição, Aprendizagem e Rendimento-I Seminário Internacional*. I Seminário Internacional, Braga, PT.
- Martin, M. M., & Rubin, R. B. (1995). A new measure of cognitive flexibility. *Psychological reports*, 76(2), 623-626. doi: 10.2466/pr0.1995.76.2.623
- Montuori, S., D'Aurizio, G., Foti, F., Liparoti, M., Lardone, A., Pesoli, M., . . . & Sorrentino, P. (2019). Executive functioning profiles in elite volleyball athletes: Preliminary results by a sport-specific task switching protocol. *Human movement science*, 63, 73-81. doi:10.1016/j.humov.2018.11.011.
- Ong, S. Y., Lee, M., Lee, L. S., Lim, I., & Tham, K. Y. (2019). Tensions in integrating clinician and educator role identities: a qualitative study with occupational therapists and physiotherapists. *BMJ Open*, 9(2), 01-09. doi:10.1136/bmjopen-2018-024821.
- Oshiro, K., Nagaoka, S., & Shimizu, E. (2016). *Development and validation of the Japanese version of cognitive flexibility scale*. *BMC Research Notes*, 9(1), 1-8. doi:10.1186/s13104-016-2070-y.
- Rodríguez-Ponce, E., & Pedraja-Rejas, L. (2009). Análisis del impacto del proceso de toma de decisiones estratégicas sobre la eficacia de las organizaciones públicas. *INNOVAR: Revista de Ciencias Administrativas y Sociales*, 19(35), 33-46. Retrieved from <https://www.redalyc.org/pdf/818/81819026004.pdf>
- Rodríguez-Ponce, E., Pedraja-Rejas, L., & Arandeda-Guirriman, C. (2013). El proceso de toma de decisiones y la eficacia organizativa en empresas privadas del norte de

Chile. *Revista chilena de ingeniería*, 21(3), 328-336. doi:10.4067/s0718-33052013000300003.

Spiro, R. J., Feltovich, P. J., Feltovich, P. L., Jacobson, M. J., & Coulson, R. L. (1991).

Cognitive flexibility, constructivism, and hypertext: Random access instruction for advanced knowledge acquisition in ill-structured domains. *Educational technology*, 31(5), 24-33. doi:10.1598/0710.22.

Yu, C., Beckmann, J. F., & Birney, D. P. (2019). Cognitive flexibility as a meta-competency. *Estudios de Psicología*, (40), 563-584. doi:10.1080/02109395.2019.1656463.